



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

Renan Dal Zotto

(depoimento)

2013

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-357

Entrevistado: Renan Dal Zotto

Nascimento: 19/07/1960

Local da entrevista: Porto Alegre (por telefone)

Entrevistador/a: Bruna Tomaschwski Perla

Data da entrevista: 05/11/2013

Transcrição: Bruna Tomaschwski Perla

Copidesque e Pesquisa: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 19 minutos e 26 segundos

Páginas Digitadas: Nove páginas.

Observações: Informar se o entrevistado alterou alguns trechos do depoimento e/ou se a entrevista pertence a um projeto específico. Ver orientações no Manual.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Começo no esporte através da escola; Como o voleibol era visto no Rio Grande do Sul; Trajetória em clubes; Principais competições; Os campeonatos que participou no Brasil; A importância do professor de educação física; Participação nos Jogos Olímpicos; Convocação para os Jogos Olímpicos; A importância dos Jogos na vida; Nível de dificuldade dos Jogos; A experiência que os Jogos deixaram; Gratidão pelo primeiro treinador; Sua participação fora do estado; A importância do RS no destaque de atletas; O apoio externo para seguir na vida de atleta.

Porto Alegre, de novembro de 2012. Entrevista com Renan Dal Zotto a cargo da pesquisadora Bruna Tomaschwski Perla para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

B.P. – Renan, nosso projeto é sobre os Gaúchos Olímpicos e a entrevista está separada em três partes. Então eu vou começar com a sua história de vida no esporte, tudo bem?

R.Z. – Você vai perguntando e eu vou respondendo.

B.P. – Ok. Como foi a sua inserção no esporte? Você já iniciou no voleibol?

R.Z. – Bom, eu comecei na escola, em Porto Alegre, no Grupo Escolar Inácio Montanha, em Porto Alegre. Eu nem conhecia voleibol, mas a pessoa que dava aula de Educação Física, adorava voleibol e só dava voleibol, se chamava João Batista¹. Aí comecei a treinar e gostei. Comecei jogando em um clube que era a Sogipa², de Porto Alegre, e aí comecei a jogar as primeiras competições.

B.P. – E como era a situação do voleibol no Rio Grande do Sul nessa época?

R.Z. – Era extremamente amadora! Tinha pouca estrutura e o voleibol se jogava muito no eixo Rio-São Paulo. Era difícil você conseguir jogar ou se fazer ver, porque era muito difícil participar das competições. Até porque as competições eram nacionais e objetivo era não regionalizar; a gente tinha que passar pelas classificatórias e nós criávamos vantagens e ai era sempre muito difícil, então uma das únicas chances que teve, a gente representou muito bem.

B.P. – E dentro da carreira, você já citou a Sogipa, teve mais alguma relação com algum clube ou instituição?

¹ Nome sujeito à confirmação.

² Sociedade de Ginástica Porto Alegre.

R.Z. – Não. Ainda no meio estudantil eu joguei no colégio, depois na Sogipa até 1980, ano em que disputei minha primeira Olimpíada que foi em Moscou, depois sai e fui jogar no Rio de Janeiro, São Paulo e Itália.

B.P. – Quais momentos ou eventos da sua vida esportiva você destacaria?

R.Z. – As competições internacionais que eu acho que foram momentos bem interessantes. As competições internacionais onde defendíamos a seleção brasileira.

B.P. – Tu citaste o eixo Rio-São Paulo. Quais as principais dificuldades em sua carreira estando fora desse eixo? Teve alguma outra também que gostaria de mencionar?

R.Z. – Claro. Por exemplo, a gente tinha um campeonato por ano, o Campeonato Brasileiro, e a gente tinha pouca possibilidade de mostrar o voleibol. Então a gente ia sempre aos campeonatos regionais e já no brasileiro tinha só aquela oportunidade. Eu tive muita sorte porque teve um Campeonato Brasileiro em Campinas em 1976 e nós fomos, fui eleito o melhor jogador juvenil do Brasil. Aí eu comecei a ser visto [riso]. Ai eu percebi, se não tivesse o São Paulo já classificado não sei quando que eu teria tido uma chance.

B.P. – E sobre esse início de sua carreira, gostaria de destacar mais alguma coisa, algum momento?

R.Z. – Eu acho que assim. Tudo isso mostra o quanto é importante a capacitação dos professores de Educação Física, dos treinadores. Eu tive muita sorte porque o professor na escola adorava o voleibol, que era o Batista, e ele formou vários jogadores que depois também foram para a Seleção brasileira. Com isso assim eu vejo o quanto é importante a gente incentivar a prática esportiva na escola, enfim, acho que isso faz um grande diferencial. Acho importante destacar o quanto era fundamental essa passagem na escola, pois foi ali que começou tudo.

B.P. – Sim. Bom agora eu vou para a segunda etapa que é a ida para os Jogos Olímpicos. Como foi a sua participação para os Jogos Olímpicos?

R.Z. – Então, eu tive a oportunidade de jogar três Jogos Olímpicos. O primeiro em Moscou, no ano de 1980, depois em 1984 nos Jogos em Los Angeles quando fomos a medalha de prata, e depois em 1988 em Seul. Depois fui comentarista de Rede Globo, mas em três edições dos Jogos eu participei como jogador. Então foi... Muito, muito legal, porque é o sonho de todo atleta participar de Jogos Olímpicos e tudo mais. E um deles a gente conseguiu medalha de prata na final que foi em Los Angeles em 1984.

B.P. – E como você foi convocado, como foi convidado para participar dos jogos?

R.Z. – Então, você é convocado para a seleção brasileira e tem algumas fases para você passar. O que são essas fases? Você é convocado primeiro para a Seleção do seu estado e depois para a Seleção brasileira para jogar campeonatos, tais como o campeonato Sul Americano, o campeonato Pan Americano, o Mundial e você vai fazendo etapas. A minha primeira competição internacional foi o Campeonato Sul Americano, e aí depois uma Copa do Mundo, tem várias até você chegar nos Jogos Olímpicos, você vai crescendo, vai evoluindo.

B.P. – Que experiências negativas ou positivas você considera importante para compartilhar com a nossa pesquisa sobre os Jogos Olímpicos?

R.Z. – Porque assim, o esporte por si só já é uma ferramenta muito legal no desenvolvimento do ser humano, porque você constantemente está trabalhando com valores, princípios e tudo mais. O esporte ajudou muito na minha vida quanto a isso. Segundo, você tem dentro desses Jogos Olímpicos a possibilidade de conhecer grandes atletas, de conviver com grandes atletas, eu acho que isso é muito legal. E depois o esporte deixa grandes amigos, até hoje eu sou muito amigo de todos os atletas da minha geração.

B.P. – Tem alguma coisa a mais sobre a participação nos Jogos que gostaria de compartilhar, destacar ou era isso mesmo?

R.Z. – Os Jogos Olímpicos são extremamente difíceis para todo mundo. A gente se prepara quatro anos para disputar aquela competição, então, é uma competição muito equilibrada, vão os melhores e é muito dura a disputa. Eu tenho assim o maior orgulho de ser medalha

de prata, foi a primeira medalha em esportes coletivos na história do esporte brasileiro; não é só do voleibol, foi a primeira dos esportes coletivos da história do Brasil, então assim, foi muito legal participar da competição e ver hoje que o Brasil está em uma situação extremamente bem posicionada no cenário mundial do voleibol.

B.P. – A carreira após os Jogos. Qual a repercussão da participação nos Jogos Olímpicos na sua carreira?

R.Z. – Isso aí dá uma experiência muito grande, uma experiência fantástica por ter participado de alguns Jogos Olímpicos e te dá uma maturidade muito grande. A gente tem muitos ganhos, é uma experiência única, então, o fato de eu ter participado de três Jogos como atleta eu me sinto extremamente agraciado de ter tido essa oportunidade. Primeiro todo atleta tem um sonho de participar dos Jogos Olímpicos, isso é um grande sonho... Retribuição, expectativa de um atleta é realmente participar de um dos Jogos Olímpicos, e eu te garanto que essa expectativa nunca é decepcionante, ela sempre é a cima da expectativa porque é muito legal a participação nos Jogos.

B.P. – Qual o significado para o esporte do Rio Grande do Sul com a sua participação nos Jogos?

R.Z. – Claro. Eu sou muito grato ao Batista, que foi o meu professor, à Sogipa, à escola e a minha família que me deu todo o suporte, porque eu acho que a minha passagem no voleibol, aí no Rio Grande do Sul, em Porto Alegre foi a base, foi o meu grande alicerce. A gente sabe para você chegar mais alto você tem que ter uma base muito boa, quanto à base ao Rio Grande do Sul eu agradeço muito.

B.P. – Atualmente você reside em Santa Catarina?

R.Z. – Isso, em Florianópolis.

B.P. – Já pensou em retornar ao Rio Grande do Sul para atuar profissionalmente?

R.Z. – É difícil, porque já estou mais de vinte anos aqui, eu estou com a família, com vários projetos esportivos na área do voleibol, de futebol. Eu fui treinador e criei laços fortes aqui também, mas sempre que dá vou ao Rio Grande do Sul, tenho grandes amigos, tenho família, e sempre que sou solicitado eu vou, estou sempre visitando ai vocês.

B.P. – Pensando nos objetivos da nossa pesquisa, que é analisar a participação gaúcha nos Jogos Olímpicos, você gostaria de falar mais alguma coisa sobre esse tema, a sua participação?

R.Z. – Eu acho que o Rio Grande do Sul foi um celeiro muito grandes de atletas, que nesses últimos anos deu uma queda, acho que vale a pena dar uma focada para desenvolver isso porque eu não tenho a menor duvida de que os atletas gaúchos tem um potencial físico e intelectual fantástico para chegar no alto rendimento. Acredito que o Rio Grande do Sul possa contribuir muito mais para o esporte profissional e para o Brasil na formação de atletas.

B.P. – Tem algo que eu não perguntei que gostaria de deixar registrado? Algo mais sobre a sua participação, ou sua história de vida no esporte ou carreira após os Jogos?

R.Z. – Um atleta para chegar em algum lugar, tem que ter várias coisas importantes no seu entorno, ter uma estrutura legal, ter o apoio familiar, bons profissionais, e graças à Deus, o Rio Grande do Sul sempre me deu isso. A família sempre me ajudou muito, contribui muito para isso, o que é fundamental e acredito que o meu início no Rio Grande do Sul foi muito importante. De casa eu não saí tão cedo, saí com dezessete anos para São Paulo, depois com vinte para morar fora, então, toda a minha base foi construída no Rio Grande do Sul e eu devo muito, muito mesmo ao nosso Estado.

B.P. – Agradeço muito a sua colaboração para a pesquisa, é muito importante, muito obrigada, o grupo todo agradece.

R.Z. – Obrigado.

[FINAL DO DEPOIMENTO]